

PAREMIOLOGIA

LEONARDO MOTA

Proponho-me aquí a um estudinho que ainda não vi tentado por nenhum folclorista nosso:—mostrar que as expressões coletivas e proverbiais evoluem, isto é, que a sua forma definitiva custa a se fixar, dificultando assim que os paremiólogos a indigitem incontrovertidamente. Mutilações que restringem a conceituação, ou acréscimos que a ampliam, utilização de sinônimos, inversões fraseológicas, constituem as maiores ou menores alterações com que, sem uniformidade integral, se registam os dizeres da sabedoria popular.

Ater-me-ei exclusivamente ao adagiário lusitano, e ninguém obscurecerá—estou certo—a idoneidade dos cinco textos portugueses a que recorro e que são os subsequentes:

—o “Dicionário Bilingue”, de Bento Pereira, décima edição, 1750;

—a coleção de Francisco Rolland, vinda a lume em 1780;

—a recolta que, em 1920, Cândido de Figueiredo fez dos prolóquios contidos na comédia “Eufrosina”, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, edição de 1786;

—o livro de Perestrelo da Câmara, aparecido em 1848;

—o fascículo n.º 45 da “Biblioteca do Povo e das Escolas”, publicado sob o título “Filosofia Popular em Provérbios”, em 1882. Embora de autoria anônima, como todos os de sua coleção, é um opúsculo doutamente prefaciado e mereceu frequentes referências de Amadeu Amaral.

Por este último ser o trabalho mais moderno, em torno dele, sobretudo, faço gravitar os restantes. Mas, entre os últimos, estabeleço também outros confrontos.

Advertência de que o leitor não se deve desaperce-

ber: — *nas citações, vem sempre em primeiro lugar a fonte originária mais antiga.* Qual seja a mesma é de facil verificação, por estarem declaradas as épocas de seu aparecimento.

Os interessados em esmiuçamentos folclóricos comparem as divergências encontráveis nas aproximações por mim pacientemente feitas:

ROLLAND E “FILOSOFIA POPULAR”

Quem com farelos se mistura, porcos o comem. —
Quem com farelos se mistura, maus cães o comem.

Curtas pernas tem a mentira, e alcança-se asinha. —
Curtas pernas tem a mentira e apanha-se asinha.

Mercadoria barata, roubo das bolsas. — Economia barata, roubo das bolsas.

Em casa de ferreiro, pior apeiro. — Em casa de ferreiro, espeto de pau.

Fazei-vos mel, comer-vos-ão as moscas. — Quem se faz mel, as moscas o comem.

Na terra dos cegos, o torto é rei. — Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei.

De amigo que não ralha e de faca que não talha, não me dá migalha. — Amigo que não presta e faca que não corta—que se percam, pouco importa.

Do dinheiro e da verdade, a metade da metade. — De dinheiro e santidade a metade da metade.

A quem Deus quer bem, o vento lhe apanha a lenha. — A quem Deus quer ajudar, o vento lhe apanha a lenha.

Na casa onde não há pão, todos gritam e ninguém tem razão. — Em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube. — Antes burro que me leve, do que cavalo que me derrube.

Quem se deita sem ceia, toda a noite devaneia. — Quem se deita sem ceia, toda a noite rabeia.

Nem o invejoso medrou, nem o que a par dele morou. — Nunca o invejoso medrou, nem quem a par dele morou.

• Filho de peixe não aprende a nadar. — Filho de peixe sabe nadar.

Da mão à boca se perde a sopa. — Do prato à boca se perde muitas vezes a sopa.

Pouco fel dana muito mel. — Pouco fel faz azedo muito mel.

Dá Deus a roupa, segundo é o frio. — Dá Deus o frio, conforme a roupa.

A quem hás de rogar, não hás de agravar. — A quem hás de rogar, não hás de assanhar.

Boa mostarda é a fome. — A melhor mostarda é a fome.

Pedra movediça não cria bolor. — Pedra roliça não cria bolor.

Prometer não é dar, mas a néscios contentar. — Prometer não é dar, mas a néscios enganar.

Nem com toda a fome ao cesto, nem com toda a sede ao pote. — Nem com toda a fome à arca, nem com toda a sede ao cântaro.

Quem cabritos vende e cabras não tem, donde lhe vem? — Quem cabritos vende e cabras não tem, de algures lhe vem.

O rabo é mau de esfolar. — O rabo é o pior de esfolar.

A dor da mulher chega até a porta. — Dor de mulher morta dura até à porta.

Lá vão leis, onde querem reis. — Lá vão leis aonde querem cruzados.

BENTO PEREIRA E “FILOSOFIA POPULAR”

O parvo calado pouco dista do avisado. — O parvo calado por sábio é reputado.

Quem ao diante não olha, atrás torna. — Quem adiante não olha, atrás fica.

Dize-me com quem andas, dir-te-ei que manhas hás. — Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens.

De hora em hora, Deus melhora. — Em pequena hora Deus melhora.

O bom vinho a venda traz consigo. — O bom vinho excusa pregão.

Em casa de ladrão, não fales em baração. — Em casa de ladrão, não lembrar baração.

Quão longe dos olhos, tão longe do coração. — Longe da vista, longe do coração.

Não se ganham trutas a bragas enxutas. — Não se pescam trutas a bragas enxutas.

Muito prometer é sinal de pouco dar. — Muito prometer é espécie de negar.

A metade da obra tem feito quem começa bem. — A metade da obra tem feito quem começa com tempo.

Amor de asnos entra a couces e a bocados. — O amor dos asnos entra a couces e sai a bocados.

Mais asinha se toma o mentiroso que o coxo. — Mais asinha se apanha um mentiroso que um coxo.

JORGE FERREIRA E “FILOSOFIA POPULAR”

O demo sabe muito porque é velho. — Por que sabe o diabo tanto? por ser velho.

O cordeirinho manso mama na sua teta e na alheia. — Bezerrinha mansa em todas as vacas mama.

Mais veem dois olhos que um. — Mais veem quatro olhos que dois.

Quando a cera é sobeja, queima a igreja. — A muita cera queima a igreja.

Quem te não roga nem voga, não lhe vás à boda. — Quem te não roga, não lhe vás à boda.

Quem faz um cesto, fará cento. — Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.

Debaixo de má capa, jaz bom bebedor. — Debaixo de ruim capa, se esconde um bom bebedor.

Mudar costume é par de morte. — Mudar costume — parelha da morte.

Melhor é um pão com Deus, que dez com o demo. — Melhor é um pão com Deus, que dois com o demo.

Pago-me do meu amigo que come o seu pão consigo e o meu comigo. — Arrengo do amigo que come o meu comigo e o seu consigo.

Onde há muito riso, há pouco siso. — Muito riso, pouco siso.

Sardinha que o gato leva, gualdida vai. — Morcela que o gato leva, gualdida vai.

O que faz o sábio primeiro, faz o louco ao derradeiro. — O que faz o doido à derradeira, faz o sisudo à primeira.

PERESTRELO E “FILOSOFIA POPULAR”

Brigam as comadres, descobrem-se as verdades. — Pelejam as comadres, descobrem-se as verdades.

Quem o feio ama, bonito lhe parece. — Quem o feio ama, formoso lhe parece.

Ganha fama, deita-te a dormir. — Cobra boa fama, deita-te a dormir.

Deixar obrar a Deus, que é santo velho. — Deixar fazer a Deus, que é santo velho.

Quem tem inimigos, não deve dormir. — Quem tem inimigos, não dorme.

Guardar o que comer e não o que fazer. — Guarda que comer, não guardes que fazer.

O homem põe e Deus dispõe. — O homem propõe e Deus dispõe.

A laranja, pela manhã, é ouro; ao meio dia, prata; à tarde, cobre; e, à noite, mata. — Uma azeitona, ouro; segunda, prata; terceira, mata.

Quem má cama faz, nela jaz. — Quem boa cama fizer, nela se deitará.

Cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a doente. — Cautela e caldo de galinha não fazem mal ao doente.

Na adversidade é que se conhecem os amigos. — Nos trabalhos se reconhecem os amigos.

Só dá quem tem e quem quer bem. — Não dá quem tem, senão quem quer bem.

BENTO PEREIRA E ROLLAND

A maior ventura é menos segura. — Quanto maior é a ventura, tanto menos é segura.

Cabeça louca não há mister touca. — Quem não tem cabeça, não há mister carapuça.

Falar, falar não enche barriga. — Palavras não enchem barriga.

Metei a mão no seio, e não direis mal dos outros. — Mete a mão no seio, não dirás do fado alheio.

Falai no ruim, logo aparece. — Como falam no ruim, logo aparece.

Nem muito ao mar, nem muito à terra. — Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

O cavalo engorda com o olho de seu dono. — O olho do amo engorda o cavalo.

Rato que não sabe mais que um buraco, depressa o toma o gato. — Rato que não sabe mais que um buraco, asinha é tomado.

Se queres enfermar, ceia e vai-te deitar. — Quem ceia e se vai deitar, má noite há de passar.

Quem ama a Beltrão, ama a seu irmão. — Quem ama a Beltrão, ama o seu cão.

O velho por não poder, o moço por não saber, deitam as cousas a perder. — O moço por não querer, e o velho por não poder, deixam as cousas perder.

ROLLAND E PERESTRELO

Casarás e amansarás. — Casarás? amansarás e te arrependers!

Ande eu quente, ria-se a gente. — Ande eu farto e quente, e ria-se a gente.

Filha desposada, filha apartada. — Filha casada, filha apartada.

O boi pela ponta, e o homem pela palavra. — Ao boi pelo corno, ao homem pela palavra.

A cão mordido todos o mordem. — A cão mordido todos chicoteiam.

Quem se queima, alhos come. — Quem se pica, cardos come.

Em uma hora cai a casa, que não cai cada dia.—Em qualquer hora, a casa cai.

De ferreiro a ferreiro não passa dinheiro.—Ferreiro a ferreiro não leva dinheiro.

Em tempo de figos, não há amigos. — Em tempo de figos, há muitos amigos.

Meus filhos criados, meus trabalhos dobrados. — Filhos criados, trabalhos dobrados.

Cuspo para o céu, cai-me no rosto.—Quem cospe para o ar, na cabeça lhe cai.

Tempo de guerra, mentiras por mar e por terra. — Em tempo de guerra, voam mentiras por mar e por terra.

Quem ao inimigo poupa, nas suas mãos morre. — Quem seu inimigo poupa, nas mãos lhe vem a cair.

Asno mau, junto de casa, corre sem pau. — Burro mau, indo pra casa, corre sem pau.
